

Alteridades ressonantes

A escuta se faz possível?

Associação dos Membros Filiados (AMF) ao
Instituto “Durval Marcondes”(SBPSP)¹

Resumo: O artigo trabalha a ideia de deixar-se afetar pela escuta diante das experiências de corporeidades não-brancas, que enfrentam múltiplas formas de violação de sua existência. Há uma reflexão sobre a escuta psicanalítica, especialmente em relação à formação psicanalítica e às implicações da branquitude. Argumenta que a psicanálise deve se comprometer com a coletividade e a subversão dos mecanismos de controle, no enfrentamento da manutenção de privilégios historicamente estabelecidos. Sublinha a necessidade de repensar e revitalizar as práticas clínicas e teóricas em psicanálise para incluir e compreender as diversas experiências humanas, especialmente contextos nos quais a alteridade desafia concepções prévias e privilégios.

Palavras-chave: escuta psicanalítica, alteridades, formação psicanalítica, branquitude

Alteridades circulam vivas e criativas, por aqui, aí, em todos os lugares. Emitem sinais dos seus saberes, culturas, tradições e propostas de modos de vida. Nessas tentativas de contato, interroga-se: ressoamos as diferenças? Como ocupamos o “entre” que se abre na passagem ao outro? Sustentamos as tensões do contato, das concordâncias e divergências, do seguimento e da invenção? É possível nos deixar afetar, por meio da escuta clínica, pelas experiências de corporeidades não-brancas, submetidas a múltiplas formas de violação de sua dignidade? Como sustentar o mal-estar surgido pelos tensionamentos inerentes ao encontro com a alteridade e, só a partir daí, seguir questionando e buscando novas maneiras de pactuação frente aos conflitos, no lugar de negá-los?

Isso que brota na fresta, no “entre”, são as próprias tensões inescapáveis ao encontro com alteridades e não foi diferente do ocorrido no processo

1 O presente artigo foi escrito coletivamente pelos integrantes da Diretoria da AMF, gestão 2023-2025.

de planejamento e realização do evento “Alteridades ressonantes: a escuta se faz possível?”, por isso escolhemos revisitá-lo, com o objetivo de percorrer, mais uma vez, agora no tempo da escrita, esse transitar um tanto caótico, por onde circularam nossos afetos.

O evento foi promovido pela AMF (Associação dos Membros Filiados ao Instituto Durval Marcondes, da SBPSP) em 24 de junho de 2023, marcando o início de um novo ciclo de gestão. Contamos com apresentações do poeta Marcelo Ariel e da psicanalista Lucila de Jesus Mello Gonçalves, com mediação de Juan Telles, analista em formação na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

O itinerário do encontro foi construído com nossos convidados, desde sua nomeação, com base na poética generosa de ambos os palestrantes, até a forma de transmissão do pensamento não eurorreferenciado de Ariel e da experiência de escuta dos povos originários praticada por Lucila e vivamente apresentada por meio de uma imagem e uma carta endereçadas a um psicanalista “imaginário”, o Dr. Unique Cosmofobique, cuja íntegra também está publicada nesta edição do *Jornal de Psicanálise*.

Em retrospecto, podemos agora melhor elaborar: desde o princípio o tensionamento estava posto, porque, cada um de nós, integrantes da AMF, é, de alguma forma, um precipitado identificatório do Dr. Unique Cosmofobique. Identificamo-nos e somos identificados com parte de suas ideias, pré-concepções, temores e o que mais brota ali, quando somos interpelados pela alteridade.

Mas também pudemos perceber que, como um rizoma, nossas diferenças foram se entrelaçando e formaram a rede de sustentação do evento (sempre instável e provisória): cada qual, de seu lugar singular e histórico-social, contribuiu para assegurar um espaço de fala e escuta das diversas experiências, a partir das quais a alteridade pudesse ressoar e nos afetar.

Frente à ideia de “deixar-se afetar”, chegamos à delicada e complexa questão sobre o exercício da escuta psicanalítica: como nossos afetos, atravessados pela branquitude, imbricam-se à nossa escuta clínica? A inquietante questão nos remete à nossa formação psicanalítica e suas implicações relativas à exclusão, dominação e violação de diferentes formas de existência, tendo como ponto de partida mais específico o lugar de branquitude e seu pacto narcísico, essa “aliança que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo” (Bento, 2022, p. 25).

Lucila, Ariel e Juan nos trouxeram seus saberes sobre escutas ampliadas, experiências riquíssimas, em territórios diversos, coletivos, nos convocando a uma “sacudida” na poeira das práticas institucionalizadas sob formato de “a verdadeira e única psicanálise”, propondo uma revitalização dos dispositivos clínicos com base em uma escuta atenta e transversal.

Do “lado de cá”, apesar da intenção genuína de deixar-se afetar, de fazer a escuta possível, não escapamos completamente à branquitude que nos constituiu. E precisamos de Alteridades que nos convoquem a pensar sobre nós mesmos, antes de sairmos proferindo nossas análises sobre o outro.

É desse movimento que as questões que pretendíamos endereçar a Ariel, revertem-se, vêm em nossa direção, e fazem, desse diálogo, a entrevista também publicada nesta edição.

Durante o evento, Ariel já havia nos convocado a pensar a escuta como abertura de brechas:

*sentir o mundo...
o entorno é a alteridade, a alteridade entrando em nós...
poetizar é escutar...
sem poetizar não há alteridade...
a escuta expande o ser...
ver é ouvir, ouvir é ver...*

E assim, capturamos seu alerta: sempre há o risco de praticarmos uma “escuta curatória”, a escuta com a “curadoria” do colonizador.

Do lugar da branquitude em nossas instituições de formação, corremos o risco de uma escuta psicanalítica circunscrita em uma perspectiva única, eurorreferenciada, “purista”, “encastelada”, uma escuta “curatória”, como nos diz Ariel, onde subjetividades atravessadas por diferenças culturais, sociais, raciais, de gênero, enfim, formas diversas de existência, de modos de vida, não encontram ressonância.

A alteridade com suas diferenças e (in)familiaridades, pode se apresentar como o estranho ameaçador de uma certa organização institucional. Freud, em *Das Unheimliche, O inquietante* (1919) traz essa dimensão do estranho familiar, do incômodo, do infamiliar, as várias traduções para nomear esse sentimento perturbador que atravessa, desorganiza, aterroriza.

A escuta obstruída para a diversidade, para o sofrimento psíquico de subjetividades atravessadas pelas desigualdades sociais, raciais e de gênero,

pode ser um dispositivo retraumatizante e violento. O não reconhecimento, a invisibilidade, o não lugar, colocam a psicanálise na contramão de sua própria vocação: a da implicação com a coletividade e a subversão dos mecanismos de violação.

Paim e Degani (2021), no texto “Racismo – inegável existência da crueldade – no mundo conceitual Branco”, abordam a temática do racismo sob a ótica do traumático, remetendo-nos à questão das violações e as vicissitudes do traumático. Apontam para a presença tanática eurorreferenciada como elemento fundante de uma referência epistêmica sujeito-objeto desumanizadora, cuja abordagem, além de violentar o objeto, serve para a satisfação narcísica do lugar de poder e reatualização da violência, a serviço da repetição da experiência traumática e não da perlaboração.

Deixar-se afetar para além da perspectiva do analista eurorreferenciado, implica não somente a escuta do sofrimento provocado pelas experiências de violações, mas uma compreensão mais ampla dessa trama (histórica e social). O deixar-se afetar do analista corresponde à ética da escuta que não se encerra na individualidade dos sujeitos violados, mas também reconhece sua reprodução estrutural.

Do lugar da branquitude em nossas instituições de formação, corremos o risco de cometer violações quando nos encontramos em lugares criados a partir de padrões determinados “a um só modo” e neles nos reconhecemos em alguns momentos durante a realização do evento até o segundo ato, o da escrita. O registro dessa experiência de contato com a alteridade, não imune de tensionamentos, trouxe a possibilidade de um espaço de publicação do pensamento de Ariel e do trabalho apresentado por Lucila. Juan nos deixou a possibilidade de escuta de sua voz, por meio da visualização do vídeo, gravado e disponível no canal do Youtube da AMF.²

Alteridades resonantes: ¿es posible escuchar?

Resumen: El artículo trabaja la idea de dejarse afectar por la escucha ante las experiencias de corporeidades no blancas, que se enfrentan a múltiples formas de violación de su existencia. Hay una reflexión sobre la escucha psicoanalítica, especialmente en relación con la formación psicoanalítica y las implicaciones de la blanquitud. Argumenta que el psicoanálisis debe comprometerse con la colectividad, junto con la subversión de los mecanismos

2 A gravação do evento completo pode ser acessada no link: <https://www.youtube.com/watch?v=uPZBu5XZANY>.

de control, frente al mantenimiento de privilegios históricamente establecidos. Finalmente, subraya la necesidad de repensar y revitalizar las prácticas clínicas y teóricas en psicoanálisis para incluir y comprender las diversas experiencias humanas, especialmente contextos en los que la alteridad desafía concepciones previas y privilegios.

Palabras clave: escucha psicoanalítica, alteridad, formación psicoanalítica, blanquitud

Resonant alterities: is listening possible?

Abstract: This article deals with the idea of letting oneself to be affected by listening to the experience of non-white bodies, who face multiple forms of violation of their existence. It reflects on psychoanalytic training and the implications of the whiteness. It argues that psychoanalysis must commit to collectivity and the subversion of control mechanisms, in facing the maintenance of historically established privileges. Finally, it highlights the need of review and revitalize clinical and theoretical practices in psychoanalysis to comprehend diverse human experiences, especially those contexts in which alterities challenge previous conception and privileges.

Keywords: psychoanalytic listening, alterity, psychoanalytic training, whiteness

Altérités résonantes : l'écoute est-elle possible?

Résumé : Le texte travaille sur l'idée de se laisser affecter par l'écoute face aux expériences de corporeités non-blanches, qui sont confrontées à de multiples formes de violation de leur existence. Il y a une réflexion sur l'écoute analytique, notamment en ce qui concerne la formation psychanalytique et les implications de la blanchitude. Il soutient que la psychanalyse doit s'engager en faveur de la collectivité et de la subversion des mécanismes de contrôle et faire face au maintien des privilèges historiquement établis. Enfin, il souligne le besoin de repenser et de revitaliser les pratiques cliniques et théoriques en psychanalyse pour inclure et comprendre les diverses expériences humaines, en particulier les contextes dans lesquels l'altérité remet en question les conceptions antérieures et les privilèges.

Mots-clés : écoute psychanalytique, altérité, formation psychanalytique, blanchitude

Referências

- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (2019). *O infamiliar*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919)
- Paim Filho, I. A. & Degani, R. (2021). *Racismo: por uma psicanálise implicada*. Ates&ecos.

Marise Levy Wahrhaftig

levywah@uol.com.br

Lígia Bruni Queiroz

ligiabq@usp.br

Recebido em: 22/9/2023

Aceito em: 22/9/2023